

(DES)ORIENTAÇÃO: UMA PROPOSIÇÃO ARTÍSTICA PARA CAMINHADAS NA CIDADE

FERNANDO DE J. DE A. DA ROCHA¹; EDUARDA GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – fernando.mestrado.rocha@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, abordo a pesquisa em artes visuais, teórico-poética da produção intitulada *(Des)Orientação*, em que relaciono a prática da cartografia, a reflexão sobre o território, o caminhar e a prática artística a partir das vivências concedidas pelas territorialidades do sul do país. A produção é vinculada ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPEL) e por meio de uma proposição artística, articulo o método da cartografia com um modo de ver e de praticar a cidade a partir do sensível, bem como proponho diferentes experiências no espaço da cidade, contribuindo para acrescentar outros sentidos à existência cotidiana e diferentes leituras do espaço público.

(Des)Orientação consiste em uma proposição artística que, através de um filtro para a rede social *Instagram*, convida o participante a perder-se em seus percursos cotidianos por meio de setas que, aleatoriamente, indicam novas direções a cada clique na tela do celular. O participante pode salvar o filtro em seu celular e compartilhar os seus próprios registros em suas redes sociais. A proposição tem como objetivo desorientar os participantes de seus caminhos diários que já tão conhecidos se tornam automáticos e pouco contemplativos. A partir desse desvio, espera-se que as pessoas pratiquem a atenção e a desautomatização do olhar.

Para a realização dessas práticas utilizo a cartografia, pois é através do método cartográfico que desenvolvo e apresento poéticas que expressam o meu olhar e minhas percepções sensíveis sobre o território. A concepção de cartografia aqui adotada baseia-se na definição de ROLNIK; SUELY (2011), de que a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.” (ROLNIK, 2011, p.23). No campo da arte, a cartografia pode auxiliar o artista pesquisador enquanto ferramenta para desenvolver trabalhos poéticos, processar suas reflexões e práticas e traduzir as relações que se dão no território e transformá-las em arte. Além de ROLNIK; SUELY (2011), outros autores me auxiliam a construir esta cartografia poética, como DIAS; KARINA (2012), DEBORD; GUY (1956), GONÇALVES; EDUARDA (2011) e LARROSA; JORGE (2002).

2. METODOLOGIA

A produção *(Des)orientação* começou a ser pensada a partir dos encontros e provocações que surgiram na disciplina “Paisagens Cotidianas e Dispositivos de Compartilhamentos”¹ e com a minha participação no grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias (UFPEL/CNPQ)². O contato com as referências abordadas tanto nas aulas quanto nas trocas com o projeto foram

¹ Disciplina ministrada pela Profª. Drª. Eduarda Gonçalves, docente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

² Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias (UFPEL/CNPQ), é coordenado pela Profª. Drª. Eduarda Azevedo Gonçalves e Profª. Drª. Alice Jean Monsell.

fundamentais para o entendimento de que, para falar sobre paisagem, é necessário ter um olhar atento e uma relação com o território em que habitamos. Durante essa disciplina comecei a desenvolver algumas ideias que culminaram no trabalho poético *(Des)orientação*, que teve como ideia principal a ação de convidar as pessoas a praticar a paisagem de uma forma diferente ao utilizar a rede social, os filtros de *Instagram*, como dispositivo de compartilhamento. Foi desenvolvido um filtro para a rede social *Instagram* através do programa *Meta Spark AR Studio*, utilizando vídeos do Youtube como guias para a programação e o desenvolvimento do filtro.

A proposição tem como objetivo promover um jogo em que os participantes aceitam se deslocar em direções que são indicadas aleatoriamente pelas setas acionadas no clique do celular, são elas que indicam por onde andar, seguir, dobrar e assim, (des)orientar os participantes de seus caminhos diários já tão conhecidos que tornam-se automáticos. A partir desse desvio, espera-se que as pessoas pratiquem a atenção. Conforme GONÇALVES; EDUARDA (2011, p.111), “Prestar atenção ao que está sempre em nós ou conosco nos faz rever o visto, um foco faz parte de uma experiência possível de algo que não nos afetaria com tal dedicação. A atenção é um mote para o desvio e vice-versa.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo assim, para falar da produção *(Des)Orientação*, me aproximo do filósofo, escritor, cineasta e artista francês Guy Debord (1958), conhecido agenciador de liderança da Internacional Situacionista, grupo que tinha a intenção de mudar a maneira como vivíamos e como pensávamos sobre a cidade moderna e sua urbanização, que para DEBORD (2005, p.121), “(...) é esta tomada de posse do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se logicamente em dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário.” Os situacionistas buscavam romper com as convenções da arte, de como as pessoas a viviam e experimentavam a cidade moderna a partir de suas críticas quanto ao consumo e a urbanização que por sua vez padronizou a forma como a sociedade interagia com a arte e seu próprio território, e para isso construíram situações na vida cotidiana que buscavam romper com a alienação do sujeito na cidade. Criaram então situações artísticas que desafiavam as expectativas dos espectadores, como performances, manifestações públicas e intervenções urbanas. A ideia era envolver as pessoas na arte de uma forma mais ativa e participativa. Foi a partir desse grupo que surgiu a ideia de desvio, traduzida do francês *détournement*, é um método voltado às práticas artísticas sistematizadas pela Internacional Situacionista. O desvio, de acordo com DEBORD; GUY e WOLMAN; GIL (1956), é a utilização de elementos retirados de seu contexto original a fim de criar novos arranjos e combinações significativas.

As cidades carregam, em si, modos de ser e estar: como se locomover, quando parar, qual é a velocidade permitida, onde podemos caminhar. Dessa forma, nos acomodamos a vivenciar o espaço de forma engessada, a tal ponto que percorremos os nossos caminhos diários de forma automática, sem pensar sobre o território e a paisagem que nos circunda. Nesse sentido, o *détournement*, ou desvio, me interessa enquanto prática que provoca descompassos nos modos de habitar a cidade. A *(Des)orientação* busca os acontecimentos inesperados, a quebra do automático, a prática da atenção e a retirada da zona de conforto.

A artista visual, pesquisadora e professora DIAS; KARINA (2012) nos fala sobre ver e (re)ver a paisagem já vista, um ato que altera a experiência no espaço cotidiano, transformando o domesticado e controlado no estranho e imprevisível.

Para a autora (2012), a paisagem cotidiana se revela em um movimento acelerado de pontos de vista distintos. Experimentar a paisagem cotidiana, conforme DIAS (2012), é como ativar um movimento do olhar onde ver e não ver se articulam, onde os pontos de não visão, de um certo estado de cegueira se transformam em invisão, em uma visão interna. Em consonância com a ideia exposta por DIAS; KARINA (2012), o trabalho *(Des)Orientação* propõe ao praticante da cidade que ele (re)veja os lugares que fazem parte do seu cotidiano e trace novas formas de se relacionar com o espaço. Nesse âmbito, espera-se que o participante permita-se afetar-se de algum modo pela experiência vivida: novos olhares, sentidos, cheiros, gostos, encontros, tudo aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p.21), que inscrevem marcas e vestígios invisíveis.

Para que a proposta chamasse a atenção das pessoas e sugerisse a participação, desenvolvi um cartaz com um design com cores fortes utilizando o programa de design vetorial *Corel Draw*. As instruções presentes no cartaz contam com cinco passos, são eles: 1. Leia o QR CODE com seu celular; 2. Abra o filtro (DES)ORIENTAÇÃO; 3. Ao clicar na tela a rolagem de setas para, indicando uma direção para seguir; 4. Aperte para recomeçar a rolagem e pare quando quiser uma nova direção; 5. Registre o percurso e marque o @cartogarfo.

Figura 1: Registros realizados com o filtro: (Des)orientação



Além disso, a proposta teve um desdobramento em formato analógico, através de uma ferramenta que possui como mecanismo intrínseco o compartilhamento, os *stickers*, isto é, setas adesivas com as quatro direções: direita, esquerda, frente e retorno. Estas setas ficam disponíveis em grandes quantidades para que o participante da obra retire o número de setas desejado, embaralhe elas e, sem ver, retire uma seta a cada parada realizando o seu percurso aleatório e, ao mesmo tempo, colando esses adesivos a cada parada, para criar assim um trajeto compartilhado na cidade ou no lugar onde a pessoa decidir praticar a proposição artística.

Figura 2: Exposição do trabalho com as setas adesivas



A proposição não busca exatamente um resultado, embora seja possível acompanhar os números de compartilhamentos e acessos através do filtro ou quantas setas impressas foram distribuídas para o compartilhamento analógico do trabalho durante as caminhadas, assim haveria um resultado quantitativo. Entretanto, a ideia aqui proposta é fazer pensar, refletir sobre nosso cotidiano, sobre como vivemos e interagimos com a cidade e também instigar o participante a sair do automático através desse passeio aleatório.

4. CONCLUSÕES

Portanto, considero que a realização da produção *(Des)Orientação* foi relevante para o meu processo poético e a constatação de modos de fazer no processo de criação que acionam um outro modo de se mover e estar presente na cidade, além de motivar ainda mais as minhas reflexões sobre a paisagem urbana, o banal, o cotidiano e os nossos caminhos diários já tão conhecidos que tornam-se automáticos. A partir do desvio proposto, espero que as pessoas pratiquem a atenção e a desautomatização do olhar, instigando os participantes a enxergarem arte em suas paisagens, desenvolvendo novos afetos pela mesma. Tais afetos nos fazem querer viver e habitar esses lugares que, mesmo longe fisicamente, permanecem em nossas memórias e tornam a experiência parte de quem somos e do que queremos para o mundo. Percebo em meu trabalho essa intenção de, a partir do deslocamento de quem realiza essas práticas, sugerir diferentes formas desse sujeito habitar, pensar e sentir o lugar e a situação em que está inserido, mesmo que o disparador para essa reflexão seja uma caminhada aleatória guiada por setas. No âmbito da arte contemporânea, considero que os trabalhos que visam expor a experiência e o processo de produção, e não apenas a materialidade de um objeto artístico, possuem a potencialidade de desenvolver novos olhares e atravessamentos em relação à paisagem e o espaço urbano, bem como de produzir diferentes formas de praticar a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEBORD, G. “Teoria da deriva”, em *Internationale Situationniste* nr. 2, Dezembro 1958. In: JACQUES, Paola. 2003.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Edições Antipáticas, Lisboa, 2005.
- DIAS, K. Notas sobre paisagem, visão e invisão. In: **17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais**. Florianópolis, 19 a 23 de agosto de 2008.
- GONÇALVES, E. **Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos**. 2011. Dissertação de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.